



Da notícia ao card: um estudo de caso de retextualização e multimodalidade

From news to cards: a case study on rewriting and multimodality

Josiane de Pádua Inácio^(a); Daniervelin Renata Marques Pereira^(b)

^a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), MG, Brasil – josipadua@gmail.com

^b Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), MG, Brasil – daniervelin@gmail.com

Resumo: Este artigo aborda o resultado de um estudo que investigou o processo de retextualização de uma notícia de conteúdo científico (produzida para o portal de uma universidade) para *cards* veiculados no perfil dessa mesma instituição no Instagram, levando-se em conta as transformações ocorridas nesse processo e a necessidade de conformação multimodal na transposição de um *locus* a outro. Embora a pesquisa tenha uma dimensão maior e inclua outras análises, para este artigo, foi feito um recorte que apresenta apenas o processo de retextualização. O *corpus* constituiu-se de uma notícia divulgada no Portal UFMG e uma série de *cards* que dela se derivaram. Os procedimentos de análise consistiram em 1) observar as condições de produção e as características genéricas da notícia; 2) observar as condições de produção, as características genéricas e os elementos multimodais dos *cards* e 3) identificar as diferenças na passagem da notícia para os *cards*, descrevendo o processo de retextualização na produção desses *cards*. A análise do *corpus* mostrou que a multimodalidade desempenha papel fundamental no processo de retextualização, pois possibilita a combinação e integração de diferentes modos de representação, ampliando as potencialidades comunicativas dos textos e enriquecendo sua expressividade. Mostrou também que, na retextualização da notícia para os *cards*, certas informações importantes do texto-base foram desconsideradas, o que pode ter prejudicado a compreensão do leitor. Esse resultado evidencia a importância de utilizar elementos multimodais na produção dos *cards* e de respeitar as características genéricas e as condições de produção originais dos textos de partida e chegada.

Palavras-chave: Retextualização. Multimodalidade. Notícia. Cards. Divulgação científica.

Abstract: This paper presents the result of research that investigated the process of rewriting a scientific news article (produced for a university website) into cards published on the Instagram profile of the same institution, bearing in mind that those texts have to undergo multimodal reshaping as one genre is transposed from one locus to another. Although the research has a

broader scope and includes other analyses, this article focuses exclusively on the rewriting process. The corpus consisted of selected news stories and a number of derivative cards. Analysis procedures consisted of 1) observing the selected news item's production conditions and generic characteristics; 2) observing the set of cards' production conditions, generic characteristics, and multimodal elements; 3) showing the differences found in the news item-to-card transition, describing the rewriting process involved in producing those cards. Analysis of the corpus used in this study showed that multimodality plays a fundamental role in this process of rewriting, as it makes it possible to combine and integrate different modes of representation, expanding the communicative potential of texts and enriching their expressiveness. It also showed that news-into-card rewriting did not factor in key pieces of information, which could have hindered readers' comprehension. Such transposition, as it occurred, led to loss of information that would have been relevant to readers' comprehension. This result corroborates the importance of considering multimodal elements in card production, as well as of respecting generic characteristics and original production conditions of both source and target texts.

Keywords: Rewriting. Multimodality. News. Card. Scientific dissemination.

Introdução

Este artigo, fruto de recorte de uma dissertação, apresenta os resultados de uma pesquisa que teve o objetivo de descrever e investigar a retextualização de textos institucionais, processo que tem como uma das finalidades, no contexto estudado, torná-los mais adequados a um ambiente digital específico, no caso as redes sociais online, tendo em vista a necessidade de conformação multimodal na transposição de um *locus* a outro. Mais especificamente, a pesquisa explorou um processo de retextualização que teve como fonte primária um artigo científico, que deu origem a uma reportagem, que, por sua vez, gerou uma notícia, a qual serviu como ponto de partida para a criação de *cards* que seriam veiculados no perfil da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no Instagram.

No contexto das redes sociais, os *cards* têm-se consolidado como importantes dispositivos de mediação discursiva. Amplamente empregados por instituições públicas como estratégia de aproximação com públicos diversos, os *cards* comportam uma variedade de gêneros e cumprem diferentes funções comunicativas. São peças predominantemente quadradas – geralmente com dimensões de 1080 x

1080 pixels –, projetadas para facilitar o consumo de conteúdos de maneira rápida, atrativa e sintética (Ribeiro, 2020). Seu formato favorece a incorporação de múltiplos recursos semióticos – texto verbal, imagem, cores, tipografia, *layout* – em um espaço reduzido, configurando-se, assim, como relevante instrumento de divulgação científica, pois articula elementos verbais e visuais que buscam captar a atenção do público, promover o acesso à informação e favorecer a circulação do conhecimento em ambientes digitais altamente dinâmicos.

O contexto da pesquisa se dá em um momento no qual se verifica um uso cada vez mais frequente, em ambiente digital, de textos com variados modos e recursos semióticos integrados para divulgação das produções acadêmico-científicas, que abrangem o campo do ensino, da pesquisa e da extensão nas universidades brasileiras. Considerando essa tendência, vimos a possibilidade de contribuir com a ampliação das pesquisas sobre retextualização e multimodalidade no contexto de divulgação científica institucional em redes sociais digitais, uma vez que se trata de uma temática contemporânea e ainda pouco explorada sob o viés dos Estudos da Linguagem.

Essa retextualização analisada remete à produção midiática, ferramenta essencial para a divulgação científica, que desempenha papel fundamental nas universidades, uma vez que possibilita que o conhecimento produzido nas instituições acadêmicas alcance um público mais amplo. Ao dar visibilidade às suas pesquisas, descobertas e inovações, as universidades compartilham conhecimento e promovem engajamento público com a ciência, fortalecendo a relação entre academia e sociedade. Nesse sentido, diversas estratégias têm sido adotadas pelas universidades a fim

de dar visibilidade às suas produções científicas, por meio de portais de notícias, redes sociais, eventos científicos, canais de vídeos, entre outros.

Alguns conceitos teóricos embasam a pesquisa, assim como a metodologia adotada. Por isso, são apresentados previamente à análise do processo de retextualização, que, no estudo, concentra-se particularmente na transposição de uma notícia de conteúdo científico para os *cards* institucionais, uma vez que essa notícia é que serviu como ponto de partida para o processo de retextualização investigado.

Semiótica Social e Multimodalidade

O conceito de multimodalidade embasa o entendimento da relação entre texto, discurso e produção de sentidos (Ribeiro, 2020). Assim, como fundamento teórico desta pesquisa, adota-se a concepção de texto multimodal de Kress e Van Leeuwen (2001, 2006), apresentada como alternativa para análise de textos que são produzidos sem a predominância de um único modo semiótico.

De maneira complementar, o estudo também se pauta pelas categorias propostas por Kress e Van Leeuwen (2006) na Gramática do Design Visual (GDV), uma vez que essa abordagem fornece instrumentos teórico-analíticos para a leitura dos modos visuais com base em três metafunções – ideacional, interpessoal e textual –, que orientam a compreensão dos sentidos construídos por meio da imagem, da cor, da disposição dos elementos no *layout* e do uso da tipografia.

Iniciando pelo conceito de texto, encontramos em Kress (2003, p. 92, tradução nossa) a noção de que “texto é a categoria que se refere aos aspectos materiais da linguagem, o fenômeno tangível”¹. Na

¹ “Text is the category which refers to the material aspects of language, the tangible phenomenon” (Kress, 2003, p. 92).

materialização da linguagem em forma de texto, atuam diversos recursos orquestrados de forma interdependente, em uma harmonia semiótica com vistas a construir significados discursivos.

O discurso, por sua vez, também na perspectiva sociosemiótica, está relacionado ao significado e como este é produzido e organizado na sociedade por meio de posições e lugares institucionais, tais como a religião, o Estado, a escola, entre outros. Assim, o que determinaria a produção do conhecimento, a sua conformação e a sua circulação seriam os contornos institucionais. Partindo desse pressuposto, os discursos atuam como “fontes de significado disponíveis em uma sociedade para dar sentido ao mundo, social e natural”² (Kress, 2010, p. 110, tradução nossa).

Avançando na discussão e articulando as concepções de texto e discurso, Paiva (2013), com base em Kress e Van Leeuwen (2001), postula que os sujeitos, ao utilizarem diferentes modos para fazer veicular seus discursos, produzem textos multimodais.

Chegamos, então, ao conceito de multimodalidade que, para Kress e Van Leeuwen (2001, p. 2), é a “[...] combinação de modos semióticos em uma produção ou evento semiótico”. Em acréscimo, os autores entendem ainda a multimodalidade como o emprego de diversos modos semióticos no *design* de um produto ou evento semiótico. Esses modos podem ser combinados de maneiras variadas, produzindo uma sensação de reforço (“dizer o mesmo de maneiras diferentes”); desempenhando papéis complementares ou, ainda, atuando como parte de uma hierarquia, sempre a favor do propósito de uma instância de produção discursiva. Portanto, para essa concepção de linguagem

² “[...] *meaning-resources available in a society to make sense of the world, social and natural*” [...] (Kress, 2010, p. 110).

semiótica, o visual se constitui como texto, como unidade capaz de produzir sentido (Paiva, 2013).

Outro conceito fundamental para essa perspectiva teórica é o de modo, definido por Kress (2001, p. 21-22) como:

recursos semióticos que permitem a realização simultânea de discursos e tipos de (inter)ação. Os *designs* usam esses recursos combinando modos semióticos e selecionando entre opções disponíveis de acordo com os interesses de uma situação de comunicação particular.

Em conformidade com Gualberto e Santos (2019), pode-se afirmar que a multimodalidade não é uma teoria, mas uma característica inerente a todos os textos. “Sob esse ponto de vista, os textos sempre possuem mais de um modo semiótico envolvido em sua constituição, sendo, portanto, multimodais” (Gualberto; Santos, 2019, p. 6). No mesmo sentido, Ribeiro (2020, p. 28) entende que “a multimodalidade, tal como afirma Kress (2003, e em muitos outros textos com colaboradores), é aspecto inerente e constitutivo de todo texto, muito antes do surgimento das tecnologias digitais [...]”.

O termo “multimodalidade” ressalta a importância de se considerarem outras semioses – imagem, música, gesto, por exemplo –, além do elemento verbal como signo linguístico. A crescente disseminação de textos multimodais justificaria o interesse pela complexidade multissemiótica das representações que produzimos e vemos ao nosso redor (Gualberto; Santos, 2019).

Citando Iedema (2003, p. 33), Gualberto e Santos (2019) enfatizam ainda que uma análise multimodal da criação de significados foca a descentralização da língua verbal como forma privilegiada de produção de sentidos, assim como a expansão dos limites tradicionais que se atribuem à linguagem, como página, *layout*, imagem e *design*. Desse modo, uma

análise multimodal se fundamenta em uma perspectiva sociosemiótica da multimodalidade, que se afasta da tradição de se manter o foco no verbal e considera os outros modos como secundários, ao mesmo tempo que considera todos os modos como de igual importância.

Isso ocorre porque, ao produzir um texto, o sujeito sugere sua intencionalidade por meio de diferentes recursos, como as luzes (nitidez, realce etc.); a tipografia (uso de cores para destacar determinadas palavras ou frases, de negrito no realce de uma informação, ou o emprego de caracteres diferentes); a imagem (tamanho, sobreposição etc.); a escrita (pontuação, espaços entre palavras e blocos de palavras em diferentes cores). Esses são recursos igualmente importantes para o propósito enunciativo. Em outras palavras, todos os modos são escolhidos e organizados no espaço visual de acordo com suas potencialidades e com as intencionalidades do produtor, as quais concorrem para a produção de sentido no conjunto modal.

Nesse aspecto, Ribeiro (2021) ressalta o papel desempenhado pelas novas tecnologias digitais, uma vez que elas tornaram acessível aos seus usuários uma vasta gama de recursos semióticos, permitindo a eles administrar os modos e implementar uma proposta multimodal de maneira mais autônoma e até autodidata, com um mínimo de conhecimento técnico.

Sob o ponto de vista semiótico postulado por Kress e Van Leeuwen (2006), o verbal e o imagético são considerados modos igualmente eficientes de veiculação do discurso. Eles carregam significados diferentes, porque são modos diversos, razão pela qual cada um deles é mais apropriado para um tipo de informação, com limitações e habilidades distintas para apresentar determinado conteúdo (Paiva, 2013). Na comunicação contemporânea, subsistem diversos modos integrados de produção e orquestração de sentidos, como explica Paiva (2013, p. 121):

Um evento linguístico, por exemplo, pode narrar algo sem um protagonista, pois há recursos linguísticos para isso como pronomes, retirada do agente da passiva, entre outros. Já o visual precisa mostrar o evento acontecendo, com os atores, em tempo presente. Por outro lado, o linguístico tem dificuldades para representar eventos cíclicos. Para isso é necessário uso de várias orações. O visual possui recurso como setas em fluxogramas e esquemas para representar eventos cíclicos.

Kress e Van Leeuwen (2001) defendem, dessa forma, que o discurso se realiza em vários modos, de maneira que elementos como cores, *frames*, tipografias, entre outros, são considerados modos válidos de realização do discurso. Podem ser somados a esses elementos aspectos como a cor da palavra, seu tamanho, o uso de maiúsculas/minúsculas, sua distribuição, fios, linhas, caixas de texto, cores, contrastes, espaços em branco que ajudam na separação ou na junção de informações, números e suas relações, todos eles empregados e orquestrados a fim de compor textos de circulação social, importantes em seus propósitos (Ribeiro, 2020).

Considera-se, portanto, que o verbal não é sempre o mais efetivo recurso em todos os eventos de comunicação, já que alguns significados podem ser mais bem recebidos em um modo do que em outro. O ato de se selecionar o modo de realização do discurso mais adequado a um propósito específico, a um público e à ocasião da produção do texto recebe a denominação de prática comunicacional. A prática comunicacional envolve também a seleção da forma material de realização entre um repertório cultural e do modo que o produtor julga ser mais efetivo em relação aos seus propósitos e o discurso a ser articulado (Kress e Van Leeuwen, 2001 *apud* Paiva, 2013).

A respeito das estratégias subjacentes ao processo de seleção de recursos semióticos, Gualberto (2016, p. 63, grifos do autor) esclarece que:

a ênfase pode ser representada de várias formas, dependendo do modo de comunicação em que se encontra. **Na fala**, ela pode se dar por meio do tom de voz; **na tipografia**, recursos como itálico e negrito são comumente utilizados para esse fim; **na escrita**, observam-se as letras maiúsculas e o sublinhado; **no layout**, a posição dos elementos e o tamanho de cada um são recursos frequentes para expressar a ênfase.

Por fim, refletindo a respeito da compreensão da multimodalidade no campo dos estudos linguísticos, Ribeiro (2021, p. 28) observa que a Linguística ainda se interessa apenas timidamente por aspectos que não estejam relacionados ao que é estritamente verbal. A autora reproduz as palavras de Kress (2001), segundo as quais “os linguistas não têm considerado camadas de expressividade do *design*” e critica “a noção do senso comum de que o significado reside na linguagem verbal”. Por entender que o significado se concentra apenas na linguagem verbal, todas as outras formas de representar, de comunicar ou de interagir por meio da linguagem seriam consideradas “extralinguísticas” ou “paralinguísticas” no interior dos estudos linguísticos, concepções que Ribeiro (2021, p. 28) considera indefensáveis nos dias de hoje.

Na mesma perspectiva, Barbosa (2023) salienta que a ampla circulação de textos multimodais, impulsionada pelos avanços nas tecnologias digitais, requer, tanto da instância de produção quanto da recepção de textos, um conjunto de novas habilidades e um repensar de concepções que foram desenvolvidas em um tempo no qual o modo verbal era o dominante (Kress, 2010 *apud* Barbosa, 2023).

Com base nessas concepções acerca da multimodalidade e da ampliação das práticas de leitura e produção textual, este estudo mobiliza tais fundamentos para compreender como os diferentes recursos semióticos foram articulados no processo de retextualização da notícia em questão para os *cards* institucionais. Assim, partimos do entendimento de que a multimodalidade não apenas amplia as possibilidades expressivas do

texto, mas também reconfigura suas condições de circulação e recepção, sobretudo em ambientes digitais como as redes sociais. Nesse sentido, as categorias analíticas discutidas, especialmente aquelas relativas à articulação entre modos semióticos, serão mobilizadas para observar como textos verbais, imagens, cores, tipografia e *layout* se organizam nos cards, bem como para problematizar a eficácia comunicacional dessas escolhas no contexto institucional analisado.

Retextualização

O termo “retextualização” é amplamente conhecido pelos estudos de Marchuschi (2001), mas ele já havia sido conceituado por Neuza Travaglia (1993)³ em sua tese de doutorado como um processo que caracteriza o ato de traduzir uma língua para outra, uma vez que, nesse processo de tradução, há a elaboração de um texto com intenção comunicativa, bem como a revisão desse texto produzido, o que constitui, de certa forma, uma atividade de recriação. Para a autora, a tradução é uma atividade de retextualização, na medida em que não se trata de transportar “um sentido fixo de uma língua para outra”, mas, sim, de re-enunciar (Travaglia, 2003, p. 26).

Marchuschi (2001), por sua vez, retoma a conceituação apresentada por Travaglia (1993), que corrobora a ideia de que a retextualização se trata de uma “tradução”, mas de uma modalidade para outra de uma mesma língua, e acrescenta que as expressões “refacção” e “reescrita” poderiam ser igualmente utilizadas. Segundo o autor,

O uso do termo retextualização, tal como foi feito aqui, se recobre apenas parcialmente com aquele feito por Travaglia, na medida em que aqui também se trata de uma “tradução”, mas de uma modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua. Igualmente, poderíamos usar as

³ A tese de Neuza Travaglia é de 1993, mas foi publicada em 2003.

expressões refacção e reescrita, como o fazem Raquel S. Fiad e Maria Laura Mayrink-Sabison (1991) e Maria Bernardete Abaurre et alii (1995), que observam aspectos relativos às mudanças de um texto no seu interior (uma escrita para outra, reescrevendo o mesmo texto) sem envolver as variáveis que incidem no caso da retextualização como tratada neste estudo, preocupado essencialmente com a passagem da fala para a escrita (Marcuschi, 2001, p. 46).

Em seu livro *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, Marcuschi (2001) descreve quatro formas de retextualizar, a saber: fala-escrita, fala-fala, escrita-fala, escrita-escrita. A fim de elucidar os estudos do autor, as possibilidades de retextualização são apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 1 – Possibilidade de retextualização

Possibilidade de retextualização				
1.	Fala	→	Escrita (entrevista oral → entrevista impressa)	
2.	Fala	→	Fala (conferência → tradução simultânea)	
3.	Escrita	→	Fala (texto escrito → exposição oral)	
4.	Escrita	→	Escrita (texto escrito → resumo escrito)	

Fonte: Marcuschi, 2001, p. 48.

O movimento de retextualização escrita-escrita apresentado por Marcuschi é o ponto de interseção com esta pesquisa, uma vez que se propõe analisar aspectos envolvidos nos processos de retextualização de um texto-base escrito para um texto-fim escrito.

Matêncio (2002) também se dedicou aos estudos sobre retextualização e, para a autora, a transposição de um texto escrito para outro texto escrito – processo que ela define como retextualização – não se confunde com a atividade de reescrita. Segundo Matêncio (2002), retextualização e reescrita se diferem na materialidade do texto, de forma que, na reescrita, ocorre o refinamento dos aspectos discursivos, textuais e linguísticos que guiam o texto original, o que resulta em uma nova versão. Na

retextualização, por sua vez, trabalha-se essencialmente com novos parâmetros da linguagem, o que resulta na criação de um novo texto. Isso implica não apenas ajustar as representações dos interlocutores e seus papéis sociais, mas também os conhecimentos compartilhados, motivações, contexto de produção/recepção e atribuir um novo propósito à produção linguística (Matêncio, 2002, p. 5).

Sartori (2019, p. 103), em sua publicação *O processo de produção de textos escritos na escola: teorias e práticas*, ao apresentar percurso acerca dos estudos sobre retextualização, afirma que “há discordâncias sobre a equivalência (ou não) de retextualização e reescrita”. A fim de contribuir com a reflexão sobre os processos, a autora traz as definições apresentadas por Benfica (2014):

Retextualização, revisão e reescrita são processos distintos. Enquanto o processo de retextualização implica modificações profundas no texto, em função da alteração dos propósitos comunicativos ou dos gêneros envolvidos na atividade, nos processos de revisão e reescrita trabalha-se o mesmo texto, com o objetivo de aperfeiçoá-lo, ajustá-lo à situação discursiva, mantendo-se, portanto, inalterado o propósito comunicativo (Benfica, 2014, p. 102 *apud* Sartori, 2019, p. 107).

Para a pesquisa, adotou-se como fundamento o conceito de retextualização proposto por Matêncio (2003), que inclui os movimentos de passagem de um texto-base a outro. Segundo a autora, retextualizar:

[...] envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade (Matêncio, 2003, p. 3-4).

Corroborando essa concepção, D'Andréa e Ribeiro (2010) afirmam que o conceito de retextualização pode ser, sem dificuldades, associado a uma mudança entre modalidades de veiculação e entre gêneros, aqui entendidos como “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais típicas e em domínios discursivos específicos” (Dell’Isola, 2007, p. 17 *apud* D'Andréa; Ribeiro, 2010, p. 66). Mais do que intervenções de caráter meramente linguístico, importa, no processo de retextualização, a adequação de um texto a determinada situação comunicativa, o que pode implicar mudanças inclusive na composição tipológica ou genérica. Essa retextualização se vale da multiplicidade de semioses possíveis no meio digital, o que equivale a dizer que está em jogo a relação do *design* visual com o texto escrito.

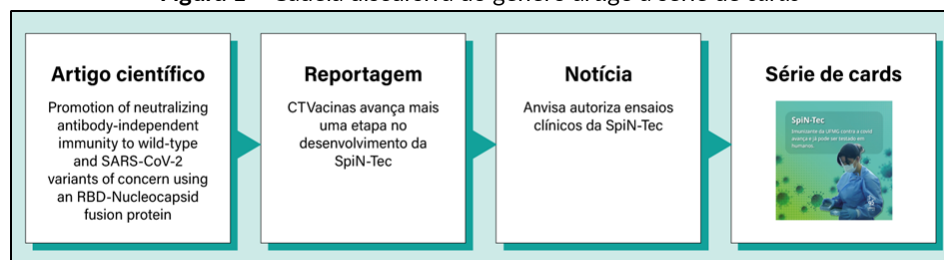
Tendo em vista o conceito adotado, reconhecemos que essa prática envolve mais do que alterações linguísticas superficiais: trata-se de uma reorganização discursiva, motivada por novos propósitos comunicativos, suportes e públicos. Assim, as noções de mudança de modalidade e de gênero, que estruturam o conceito de retextualização, são fundamentais para orientar a análise proposta, possibilitando, assim, compreender como determinadas escolhas resultaram na condensação e simplificação do conteúdo original, bem como na adaptação dos recursos semióticos para atender às especificidades da comunicação em redes sociais digitais.

Procedimentos metodológicos

O *corpus* constituiu-se da seleção de uma notícia intitulada “Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec”, publicada em 4/10/2022, no Portal UFMG, e de uma série de cards produzida em campanha institucional, publicada no perfil oficial da instituição no Instagram (@ufmg) em 5/10/2022, ambas abordando a temática da pandemia de covid-19. O artigo científico “Promotion of neutralizing antibody-independent immunity to wild-type and

Sars-CoV-2 variants of concern using an RBD-Nucleocapsid fusion protein” (Castro *et al.*, 2022) publicado na Nature Communications – fruto de trabalho de pesquisadores do CTVacinas, do Instituto de Ciências Biológicas e da Faculdade de Farmácia da UFMG, da Fundação Ezequiel Dias (FUNED), da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ/MG) e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP/Ribeirão Preto) – é o texto seminal, que fomentou a produção da reportagem “CTVacinas avança mais uma etapa no desenvolvimento da SpiN-Tec”. A reportagem, por sua vez, desdobrou-se na notícia “Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec”, que serviu de texto-fonte para a produção dos *cards*, conforme ilustração na Figura 1.

Figura 1 – Cadeia discursiva do gênero artigo à série de *cards*



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Em resumo, a cadeia discursiva que gerou os documentos analisados aqui é composta de, pelo menos, 4 (quatro) textos, que são 1) o artigo científico, que serviu como base para a produção da 2) reportagem que, por sua vez, serviu como fundamento para a produção da 3) notícia que, por fim, fundamentou a produção da 4) série de *cards*.

Na pesquisa realizada, contudo, foram analisados apenas os dois últimos elos dessa corrente – notícia e série de *cards* – uma vez que para o movimento de retextualização analisado o autor dos *cards* não recorreu diretamente aos textos anteriores da cadeia. Portanto, a transposição da notícia para o *card* se torna mais significativa nessa última passagem. Entendemos, assim, que há uma cadeia dialógica clara entre os 4 (quatro) textos citados, mas o processo de retextualização em si, como resultado de

um trabalho consciente e intencional do produtor, ocorre apenas no último movimento, da notícia ao *card*. Por fim, é conveniente esclarecer que o sujeito-produtor da notícia não é o mesmo sujeito-produtor da série de *cards*, ou seja, trata-se de pessoas e de instâncias diferentes no caso analisado.

A escolha dessa série de *cards* se deu pelo acesso à cadeia discursiva que os antecedeu e em razão dos elementos que eles oferecem para explorar o tema da pesquisa, uma vez que apresentam vários recursos semióticos que podem ser analisados sob o viés da multimodalidade. Outro fator que contribuiu para a escolha foi o fato de ser possível recuperar o histórico dos textos que alimentaram a produção dos *cards*, que, no caso analisado, são o resultado do processo de retextualização. A seguir, apresentam-se a íntegra da notícia (Figura 2) e a série de sete *cards* (Figura 3) no formato em que foi veiculada na rede social Instagram.

Figura 2 – Notícia sobre imunizante contra a covid-19

<p>Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec</p> <p><i>Testes de segurança e de resposta imunológica da vacina em humanos serão realizados na Faculdade de Medicina da UFMG e no Hospital Felício Rocho</i></p>
<p>A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) acaba de autorizar os testes clínicos de fase 1 e 2 da SpiN-Tec, vacina contra a covid-19 que está sendo desenvolvida no CTVacinas da UFMG. Os testes, que devem ter início no mês que vem, ocorrerão na Faculdade de Medicina e no Hospital Felício Rocho.</p> <p>Segundo o professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB Ricardo Gazzinelli, que é pesquisador do CTVacinas e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a autorização é condição para que os estudos para o desenvolvimento da vacina avancem. “Para que consigamos registrar o imunizante, as etapas de ensaios clínicos são essenciais. O início dos testes nos aproxima da produção da vacina nacional”, diz.</p> <p>O pesquisador explica que o ensaio clínico de fase 1, feito com acompanhamento próximo dos pacientes, testará a segurança do imunizante. “É quando realizamos o escalonamento da dose, ou seja, nessa fase selecionamos a dose ideal que segue para os testes da fase 2”, diz Gazzinelli. Nessa primeira etapa, a vacina será aplicada em 80 voluntários, divididos em dois grupos: um de pacientes com menos de 59 anos e outro de pacientes entre 59 e 85 anos de idade.</p> <p>A segunda fase, que conta com mais 400 participantes, é um teste de segurança expandido e também avalia a resposta imunológica à vacina. “A estimativa é que a fase 1 comece no mês que vem, e a 2, em fevereiro de 2023, estendendo-se até o fim do primeiro semestre. Concluídas as duas fases, obtém-se a autorização para a fase 3, na qual milhares de voluntários serão testados. Só depois a vacina é registrada e pode ser produzida”, explica Gazzinelli.</p>

Os ensaios clínicos serão coordenados pelo professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB Helton da Costa Santiago e realizados pelo professor Jorge Andrade Pinto, na Faculdade de Medicina da UFMG, e pelo infectologista Adelino Melo, no Hospital Felício Rocho.

Parcerias

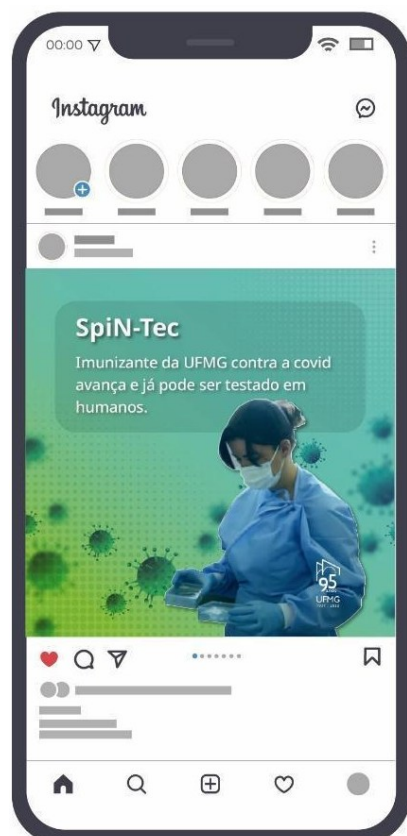
Os trabalhos da SpiN-Tec envolvem equipe de mais de 20 pesquisadores ligados ao CTVacinas da UFMG, entre eles os professores Ricardo Gazzinelli, Santuza Teixeira, Flávio da Fonseca e Helton Santiago, e os pesquisadores Graziella Rivelli, Ana Paula Fernandes, Natalia Salazar, Flávia Bagno, Natalia Homo-Souza e Júlia Castro.

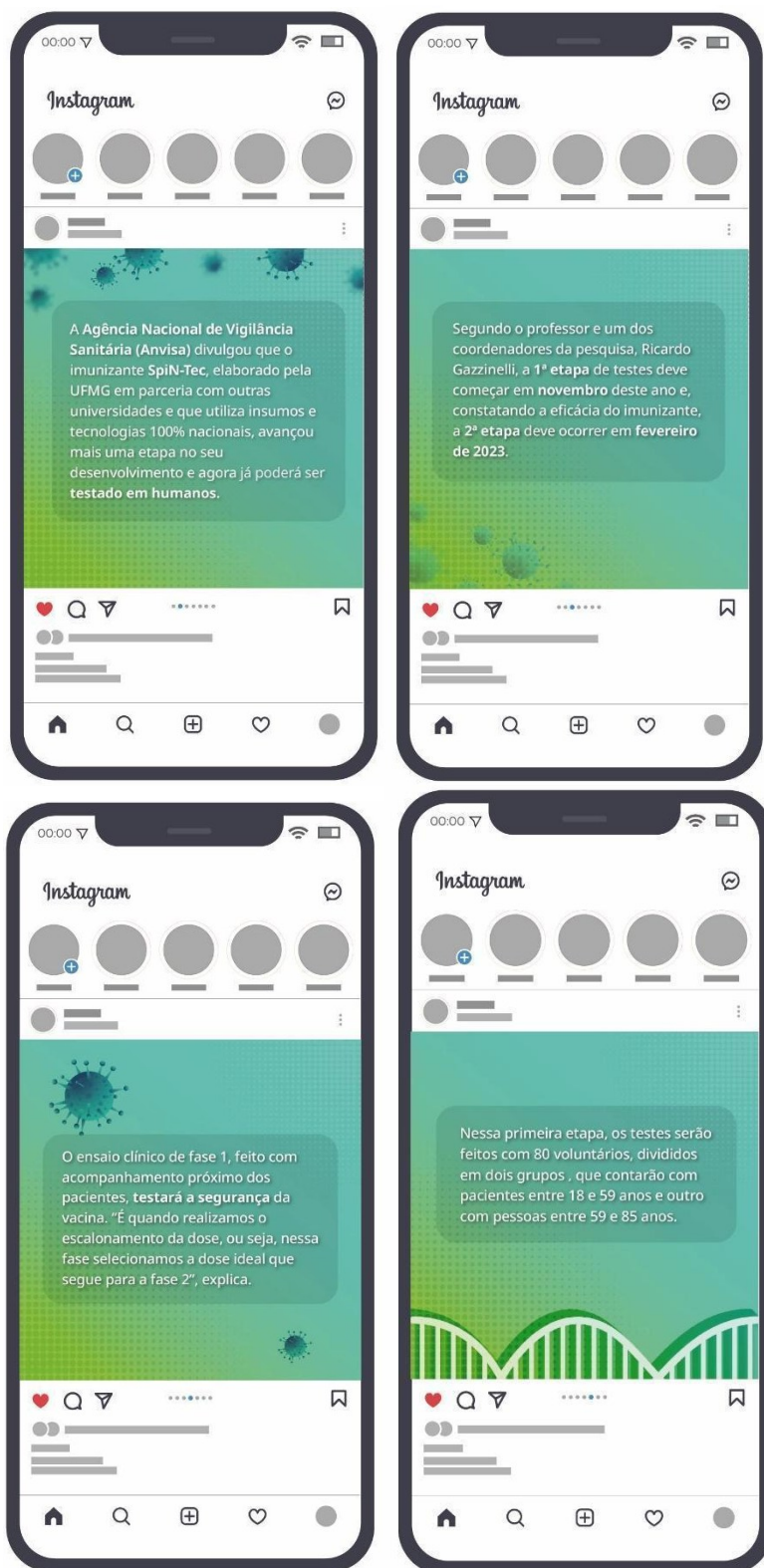
Os ensaios clínicos serão financiados pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), pela Prefeitura de Belo Horizonte, pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) e pelo Congresso Nacional. Parte dos ensaios analíticos, testes de pureza do ingrediente farmacêutico ativo (IFA) e do produto final, estudos pré-clínicos de segurança e envase do produto em condições de boas práticas laboratoriais foram feitos em parceria com a Fundação Ezequiel Dias (Funed), com o Laboratório Nacional de Biociências (LNBIO), com o Centro de Inovação e Ensaios Pré-clínicos (Cienp) e com o Laboratório Cristália.

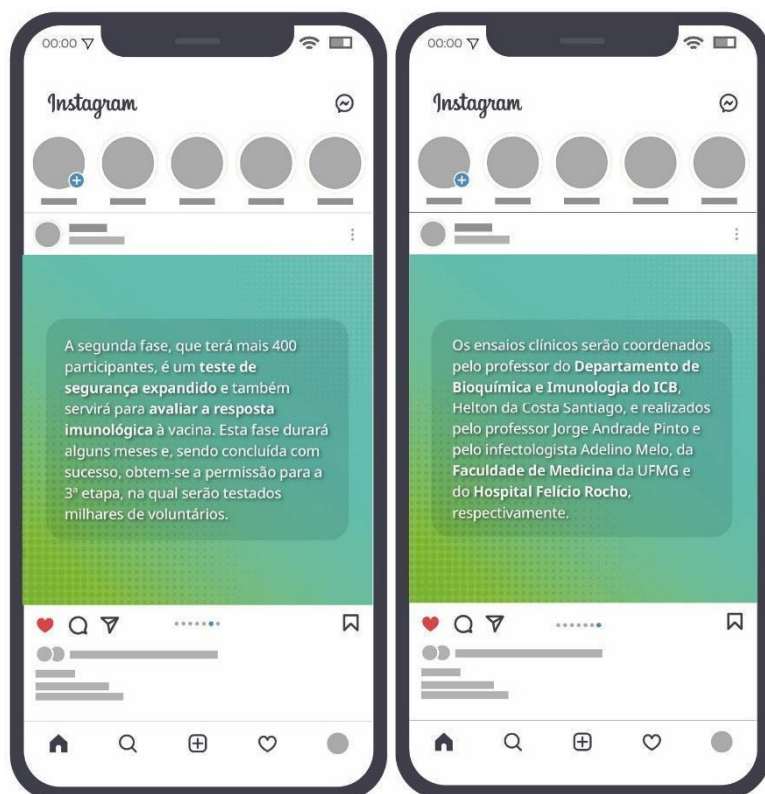
Luana Macieira

Fonte: Portal UFMG, 2022

Figura 3 – Cards da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022







Fonte: Perfil oficial da UFMG no Instagram.

O procedimento de análise consistiu em observar contrastivamente o texto verbal da notícia e o texto verbal dos *cards* e buscar compreender em que medida o conteúdo imagético dos *cards* contribuiu para a produção de sentidos nesse novo formato. Analisou-se, assim, a série de *cards* em seu aspecto intertextual, tendo em vista o processo de retextualização e, em nível interno, levando-se em conta aspectos da multimodalidade. Significados sugeridos pelo estilo tipográfico e pelas cores também foram observados, a fim de constituir a análise dos significados ideacionais, interpessoais e textuais.

Análises: considerações sobre a dinâmica de retextualização na produção de *cards*

Para a compreensão da dinâmica de retextualização na produção da série de *cards*, lembramos que tanto a notícia como os *cards* foram produzidos com o objetivo de divulgar a SpiN-Tec, imunizante contra a covid-19 que está sendo desenvolvido no CTVacinas da UFMG.

No ambiente institucional de uma universidade, uma profusão de textos é cotidianamente produzida e veiculada nos mais diferentes suportes, sejam eles impressos ou digitais. Como assinala Ribeiro (2010), grande parte dessas publicações é resultado de um processo em que textos “originais” são transformados em textos editados ou, segundo a autora, “tratados”, em geral, por vários tipos de profissionais do texto, os quais compõem uma extensa rede de editores, preparadores, copidesques e revisores. Isso caracteriza um intenso processo de reorganização da matéria-prima linguística, que gera uma cadeia de produção de textos que tomou como base, em maior ou menor intensidade, textos anteriores (Ribeiro, 2020, p. 65). Nesse sentido, propõe-se aqui o estudo da retextualização como um processo que implica a passagem de um gênero canônico e mais estável – a exemplo do artigo, da notícia e da reportagem – produzido no ambiente institucional da UFMG, para um texto imagético, com vários recursos semióticos integrados, como o *card* do Instagram.

Ribeiro (2020) define *cards* como textos datados, lidos por muitas pessoas, mas de “vida curta”, já que estão atrelados ao contexto imediato em que são produzidos, como forma de reação a um acontecimento histórico e concreto. Como nos lembra a autora, “logo, esses *cards* darão lugar a outros, sobre outros temas, na velocidade dos acontecimentos na *web*. Não serão propriamente rasgados e jogados no lixo, mas serão

esquecidos na ‘nuvem’, ofuscados por algum outro debate importante que emerja” (Ribeiro, 2020, p. 37).

Nos *cards* estudados, a temática é constituída pela divulgação de informações atuais da universidade que podem ser de interesse da comunidade em geral, motivo pelo qual há um esforço para que o estilo, ainda que formal, seja marcado por uma linguagem mais simples, sem terminologias que dificultem seu entendimento pelo público leigo.

Já se afirmou que, no processo de retextualização, os textos adquirem nova conformação linguístico-discursiva para se adequarem ao novo contexto de comunicação. Observando contrastivamente o texto verbal da notícia e o texto verbal da série de *cards*, sem ainda atentarmos para elementos imagéticos, elaboramos um quadro em que os conteúdos verbais de uma e outra são dispostos lado a lado, a fim de que possamos verificar as alterações (ou inalterações) no processo de transposição de um texto a outro. As cores foram utilizadas por nós para relacionar as informações em comum.

Quadro 2 – Quadro comparativo entre os elementos linguísticos do texto de partida e do texto de chegada

Notícia publicada no Portal UFMG (4/10/22)	Cards publicados no perfil oficial da UFMG no Instagram (5/10/22)
<p>Título: Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec</p> <p>Bigode: Testes de segurança e de resposta imunológica da vacina em humanos serão realizados na Faculdade de Medicina da UFMG e no Hospital Felício Rocho</p> <p>Legenda da foto: CTVacinas avança mais uma etapa na produção da SpiN-Tec</p> <p>A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) acaba de autorizar os testes clínicos de fase 1 e 2 da SpiN-Tec, vacina contra a covid-19 que está sendo desenvolvida no CTVacinas da UFMG. Os testes, que devem ter início no mês que vem, ocorrerão na Faculdade de Medicina e no Hospital Felício Rocho.</p> <p>Segundo o professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB Ricardo Gazzinelli, que é pesquisador do CTVacinas e da Fundação OswaldoCruz (Fiocruz), a autorização é condição para que os estudos para o desenvolvimento da vacina avancem. "Para que consigamos registrar o imunizante, as etapas de ensaios clínicos são essenciais. O início dos testes nos aproxima da produção da vacina nacional", diz.</p> <p>O pesquisador explica que o ensaio clínico de fase 1, feito com acompanhamento próximo dos pacientes, testará a segurança do imunizante. "É quando realizamos o escalonamento da dose, ou seja, nessa fase selecionamos a dose ideal que segue para os testes da fase 2", diz Gazzinelli. Nessa primeira etapa, a vacina será aplicada em 80 voluntários, divididos em dois grupos: um de pacientes com menos de 59 anos e outro de pacientes entre 59 e 85 anos de idade.</p> <p>A segunda fase, que conta com mais 400 participantes, é um teste de segurança expandido e também avalia a resposta imunológica à vacina. "A estimativa é que a fase 1 comece no mês que vem e a 2, em fevereiro de 2023, estendendo-se até o fim do primeiro semestre. Concluídas as duas fases, obtém-se a autorização para a fase 3, na qual milhares de voluntários serão testados. Só depois a vacina é registrada e pode ser produzida", explica Gazzinelli.</p> <p>Os ensaios clínicos serão coordenados pelo professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB Helton da Costa Santiago e realizados pelo professor Jorge Andrade Pinto, na Faculdade de Medicina da UFMG, e pelo infectologista Adelino Melo, no Hospital Felício Rocho.</p> <p>Os trabalhos da SpiN-Tec envolvem equipe de mais de 20 pesquisadores ligados ao CTVacinas da UFMG, entre eles os professores Ricardo Gazzinelli, Santuza Teixeira, Flávio da Fonseca e Helton Santiago, e os pesquisadores Graziella Rivelli, Ana Paula Fernandes, Natalia Salazar, Flávia Bagno, Natalia Homo-Souza e Júlia Castro.</p> <p>Os ensaios clínicos serão financiados pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), pela Prefeitura de Belo Horizonte, pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) e pelo Congresso Nacional. Parte dos ensaios analíticos, testes de pureza do ingrediente farmacêutico ativo (IFA) e do produto final, estudos pré-clínicos de segurança e envase do produto em condições de boas práticas laboratoriais foram feitos em parceria com a Fundação Ezequiel Dias (Funed), com o Laboratório Nacional de Biotecnologias (LNBIO), com o Centro de Inovação e Ensaios Pré-clínicos (Cienp) e com o Laboratório Cristália.</p>	<p>SpiN-Tec</p> <p>Imunizante da UFMG contra a covid avança e já pode ser testado em humanos.</p> <p>A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) divulgou que o imunizante SpiN-Tec, elaborado pela UFMG em parceria com outras universidades e que utiliza insumos e tecnologias 100% nacionais, avançou mais uma etapa no seu desenvolvimento e agora já poderá ser testado em humanos.</p> <p>Segundo o professor e um dos coordenadores da pesquisa, Ricardo Gazzinelli, a 1ª etapa de testes deve começar em novembro deste ano e, constatando a eficácia do imunizante, a 2ª etapa deve ocorrer em fevereiro de 2023.</p> <p>O ensaio clínico de fase 1, feito com acompanhamento próximo dos pacientes, testará a segurança da vacina. "É quando realizamos o escalonamento da dose, ou seja, nessa fase selecionamos a dose ideal que segue para a fase 2", explica.</p> <p>Nessa primeira etapa, os testes serão feitos com 80 voluntários, divididos em dois grupos, que contarão com pacientes entre 18 e 59 anos e outro com pessoas entre 59 e 85 anos.</p> <p>A segunda fase, que terá mais 400 participantes, é um teste de segurança expandido e também servirá para avaliar a resposta imunológica à vacina. Esta fase durará alguns meses e, sendo concluída com sucesso, obtém-se a permissão para a 3ª etapa, na qual serão testados milhares de voluntários.</p> <p>Os ensaios clínicos serão coordenados pelo professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB, Helton da Costa Santiago, e realizados pelo professor Jorge Andrade Pinto e pelo infectologista Adelino Melo, da Faculdade de Medicina da UFMG e do Hospital Felício Rocho, respectivamente.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Considerando que o processo de retextualização implica modificações consistentes num determinado texto-base para atender a novos propósitos comunicativos e também para adequá-lo ao perfil de um novo gênero, é possível perceber, observando-se o quadro comparativo, que o conteúdo do título, do bigode e de parte do primeiro parágrafo foi retextualizado, por meio de paráfrase, e estrategicamente sintetizado e reacomodado na capa que abre a série de *cards*, chamando, assim, a atenção do interlocutor. Na composição do primeiro *card*, houve uma alteração na informação em relação àquela veiculada no texto-base. Na notícia, fala-se que a Anvisa “autorizou” os testes, e, no *card*, afirma-se que o órgão regulador “divulgou” que o imunizante Spin-Tec avançou mais uma etapa no seu desenvolvimento e que agora já poderá ser testado em humanos.

O segundo *card* utiliza a autoridade citada no segundo parágrafo do texto-base (o coordenador da pesquisa), mas seleciona uma afirmativa presente no quarto parágrafo da notícia, ou seja, a informação das possíveis datas de início dos testes, o que comprova que, para quem produziu o texto do *card*, essa é uma informação relevante para o leitor em relação às outras contidas na fala do coordenador da pesquisa. Esse é outro ponto importante numa retextualização, pois é preciso eleger critérios para priorizar as informações que vão migrar do texto-base para o novo texto, no caso dos *cards*, um texto muito mais sucinto.

O conteúdo do terceiro *card* é uma simples reprodução do que constitui a primeira metade do terceiro parágrafo da notícia. Percebe-se, então, que não houve um processo elaborado de retextualização e reescrita, o que exige ajustes no texto-base para acomodá-lo à nova situação discursiva. A transcrição direta, entre aspas, da fala da autoridade citada na notícia mereceria um ajuste para se adequar à nova configuração do texto. No entanto, foi utilizada tal e qual.

O quarto *card* replica o conteúdo presente na segunda metade do terceiro parágrafo da notícia e só efetua alterações no plano vocabular. Na notícia, emprega-se a frase "a vacina será aplicada em 80 voluntários", enquanto, no *card*, usa-se "os testes serão feitos em 80 voluntários". Não se pode dizer se foi adotado algum critério objetivo para efetuar essa reescrita.

O quinto *card*, particularmente no seu início, reproduz fielmente o conteúdo presente no quarto parágrafo da notícia, já que, na segunda metade do texto, optou-se por transformar a fala da autoridade transcrita diretamente na notícia em discurso indireto, diferentemente do que ocorre no terceiro *card*. Aqui caberiam as perguntas: qual o critério utilizado para, desta vez, utilizar o discurso indireto para reproduzir o depoimento do coordenador da pesquisa? Poderíamos arriscar que o objetivo foi o de sintetizar o conteúdo para caber no espaço do *card*?

Finalmente, o último *card* traz o conteúdo do penúltimo parágrafo da notícia, que reúne os profissionais que conduzem o trabalho, informação importante para dar visibilidade à UFMG, como instituição de pesquisa. Entretanto, não se aproveitou do texto-base o conteúdo do último parágrafo que está relacionado à divulgação dos financiadores. Parece que, para o produtor do texto, a informação não foi tão relevante a ponto de merecer divulgação no perfil que veiculou os cards.

Passando agora à análise multimodal, percebemos que a série de cards institucionais exemplifica a articulação de recursos semióticos conforme as metafunções propostas por Kress e Van Leeuwen (2006), promovendo a construção de sentidos em múltiplos níveis.

No âmbito da metafunção ideacional (ou representacional), podemos observar a presença de processos narrativos e conceituais. No card inicial, por exemplo, a pesquisadora em ação, manipulando tubos de ensaio, configura um processo narrativo transacional, em que a cientista

é agente da ação, simbolizando a produção ativa do conhecimento científico. Nos *cards* subsequentes, a recorrência da iconografia do coronavírus opera como processo conceitual simbólico, o que possibilita a identificação imediata do tema pandêmico e reforça a centralidade do vírus como referente.

A metafunção interpessoal, por sua vez, manifesta-se por meio de escolhas que estabelecem relações de autoridade e proximidade com o público. O olhar indireto da pesquisadora, aliado ao plano médio e ao ângulo frontal, constrói uma relação de oferta, típica da divulgação científica, em que o observador é convidado à contemplação, sem interpelação direta. O uso da tipografia sem serifa, moderna e limpa, reforça o caráter objetivo e informativo, enquanto a diferenciação por peso (*bold*) destaca vozes institucionais (ANVISA, pesquisadores), orientando o leitor quanto à relevância das informações e legitimando o discurso.

Na metafunção composicional (ou textual), a organização dos elementos no espaço do card segue os princípios de valor informacional: o título ocupa o topo (“ideal”), remetendo à ideia, enquanto a imagem e o texto principal estão na base (“real”), associando-se à concretude. Os boxes transparentes delimitam e hierarquizam as informações, funcionando como molduras visuais que agrupam conteúdos sem comprometer a integração com o fundo. O uso do grafismo *halftone* no fundo, remetendo ao formato viral, e a paleta cromática em degradê azul-esverdeado a verde cítrico, promovem coesão visual e reforçam a temática da saúde e da pandemia. A saliência é intensificada pelo contraste entre a tipografia branca e o fundo colorido, bem como pelo sombreamento das letras, recursos que aumentam a legibilidade e guiam a trajetória de leitura.

Por fim, esses elementos, orquestrados de modo coeso, evidenciam como a integração dos modos verbal e visual constitui o próprio discurso

científico institucional, equilibrando autoridade acadêmica e acessibilidade comunicativa, em consonância com as demandas da divulgação científica em ambientes digitais.

A análise contrastiva aqui delineada nos levou a concluir que há uma dificuldade para a identificação dos critérios utilizados na transposição do texto-base para os textos que compõem os *cards*. Ainda que se tenha verificado uma preocupação do produtor do texto em manter apenas informações essenciais do texto-base, tentando combiná-las a imagens significativas em relação ao tema, não se pode afirmar, de fato, que o processo de retextualização tenha atingido os propósitos comunicacionais do ato. Em outras palavras, parece-nos que, ao sintetizar o conteúdo verbal da notícia, o produtor dos *cards* deixou de informar alguns aspectos relevantes – parcerias, agências de fomento, entre outros – não observando a hierarquia de importância das informações. A ausência de informações, nos *cards*, sobre os financiadores pode ser interpretada como uma tentativa de simplificação, mas que pode comprometer a função institucional de prestar contas e valorizar parcerias estratégicas. Essa escolha evidencia as tensões inerentes à retextualização, ou seja, priorizar a concisão pode resultar em incompletude informacional.

Considerações finais

Ao longo da pesquisa, foi empreendida uma análise detalhada do processo de retextualização de textos institucionais no contexto digital, com foco na produção de *cards* institucionais veiculados no perfil oficial da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no Instagram. Esse processo investigativo foi motivado pela necessidade de compreender como os textos, originalmente concebidos em gêneros mais formais, são adaptados e reconfigurados para atender às demandas comunicativas dos ambientes digitais, em específico das redes sociais *online*.

A pesquisa partiu de uma observação direta das mudanças no cenário comunicacional, especialmente impulsionadas pelo contexto de ensino remoto decorrente da pandemia de covid-19, que demandou uma comunicação mais dinâmica e objetiva por parte das instituições de ensino, entre as quais, a UFMG. Nesse contexto, os *cards* institucionais surgiram como uma ferramenta importante para divulgar informações relevantes de forma acessível e atrativa, utilizando elementos multimodais para alcançar um público amplo.

No decorrer da investigação, foi possível verificar que a retextualização desses textos, tomando como ponto de partida gêneros jornalísticos e científicos, ocorre não por uma adaptação superficial, mas, sim, por uma reconfiguração profunda para adequá-los ao novo contexto e às exigências da plataforma digital. No caso concreto analisado, o processo de retextualização implicou modificações profundas na estrutura do texto, o que é esperado, já que o texto-base (notícia) e o texto de chegada (*cards*) são bem diferentes em relação a esse aspecto. Houve também uma condensação do conteúdo, uma vez que o novo meio de circulação demanda menor quantidade de linguagem verbal. Contudo, nesse processo, perderam-se dados que seriam importantes para a compreensão do leitor, uma vez que houve basicamente uma fragmentação do texto-base e um aproveitamento de informações que o compõem, fazendo-as migrar de forma sintética para os *cards*.

Nessa perspectiva, o processo de reconfiguração não se restringe apenas ao aspecto verbal, mas engloba também a seleção e articulação de outros recursos semióticos, como imagens, cores, tipografia e elementos gráficos, que contribuem para a produção de significados específicos e a criação de uma identidade visual coerente com a marca institucional.

Além disso, a análise mostrou que a multimodalidade desempenha papel fundamental nesse processo de retextualização, pois possibilita a combinação e integração de diferentes modos de representação, ampliando as potencialidades comunicativas dos textos e enriquecendo sua expressividade. Nesse sentido, deve haver uma adequação dos elementos visuais ao contexto específico de comunicação, ao público-alvo, às características culturais, à plataforma e às tendências atuais. Isso garante que a comunicação visual seja eficaz, relevante e significativa para seu público pretendido.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Luana Macieira. Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec. *Universidade Federal de Minas Gerais*. 4 out. 2022. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ensaios-clinicos-da-spin-tec-sao-autorizados>. Acesso em: 27 set. 2024.

BARBOSA, Vânia Soares. Do leitor ao leitor-olhante: percursos de uma leitura multimodal. In: SANTOS, Záira Bomfante dos; GUALBERTO, Clarice Lages (Orgs.). *Semiótica Social e multimodalidade: Um tributo a Gunther Kress*. Vitória, ES: Edufes, 2023. p. 194-204.

CASTRO, Julia; AZEVEDO, Patrick; FUMAGALLI, Marcilio *et al.* Promotion of neutralizing antibody-independent immunity to wild-type and SARS-CoV-2 variants of concern using an RBD-Nucleocapsid fusion protein. *Nature Communications*, London, v. 13, n. 4831, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41467-022-32547-y>. Acesso em: 10 abr. 2024.

D'ANDREA, Carlos Frederico de Brito; RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. *Veredas on-line*, PPG Linguística/UFJF, Juiz de Fora, 1/2010, p. 64-74.

GUALBERTO, Clarice Lages. *Multimodalidade em livros didáticos de língua portuguesa: uma análise a partir da semiótica social e da gramática do design visual*, 2016. 179 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2016. Disponível em: <https://bityli.com/9DV1d>. Acesso em: 27 mar. 2024.

GUALBERTO, Clarice Lages; SANTOS, Záira Bomfante dos. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado da arte. *D.E.L.T.A.* v. 35, n. 2, p. 1-30, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/delta/v35n2/1678-460X-delta-35-02-e2019350205.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2024.

KRESS, Gunther. *Literacy in the new media age*. London: Routledge, 2003.

KRESS, Gunther. *Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication*. London: Routledge, 2010.

KRESS, Gunther; VAN LEUWEEN, Theodore. *Multimodal discourse*. The modes and media of contemporary communication. London: Hodder Arnold, 2001.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theodore. *Reading images*. The grammar of visual design. 2. ed. London: Routledge, 2006.

MATENCIO, Maria de Lourdes M. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 3., 2003. Rio de Janeiro. *Anais [...]* Rio de Janeiro, Universidade federal do Rio de Janeiro, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PAIVA, Francis Arthuso. Concepção de texto multimodal na leitura de infográfico digital por meio de protocolo verbal. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, jan./jun. 2013. p. 118-134.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Multimodalidade, textos e tecnologias: provocações para a sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. Textos multimodais na sala de aula: exercícios. *Revista Triângulo*, v. 13, n. 3 set - dez. 2020, p. 24 - 38.

SARTORI, Adriane Teresinha. *O processo de produção de textos escritos na escola: teorias e práticas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 142p.

TRAVAGLIA, Neusa Gonçalves. *Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual*. Uberlândia: Edufu, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. SpiN-Tec, imunizante da UFMG contra a covid. *Instagram*, [S.l.], 5 out. 2022. Centro de Comunicação UFMG. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CjWKlxfZZD/?img_index=1. Acesso em: 20 mar. 2023.

NOTAS DE AUTORIA

Josiane de Pádua Inácio (josipadua@gmail.com): Revisora de textos no Centro de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduada em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), especialista em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, com área de concentração em Linguística Aplicada - Linguagem e Tecnologia.

Daniervelin Renata Marques Pereira (daniervelin@gmail.com): Professora adjunta vinculada à área Linguística do Texto e do Discurso da Faculdade de Letras na Universidade Federal de Minas Gerais desde 2018. Realizou pós-doutorado em 2024 na Université de Liège (Bélgica) e na Universidade Federal Fluminense. Tem doutorado em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP), com período-sanduíche na Université Paris 8 (Paris-FR), mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e graduação em Letras-Licenciatura Português/Francês pela Faculdade de Letras/UFMG. Coordena com a profa. Ana Cristina Fricke Matte o Grupo de Pesquisa Texto Livre: Semiótica e Tecnologia, sendo uma de suas iniciativas a revista *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia* (ISSN 1983-3652), da qual é editora-chefe. Coordena também com a profa. Adriane Sartori o projeto de

pesquisa e extensão "Entre Páginas: leitura para crianças em hospitais", que recebeu financiamento da Fapemig de 2021-2023. É membro do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da UFMG. Integra a comissão de semiótica da Abralín e da Anpoll.

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

INÁCIO, Josiane de Pádua; PEREIRA, Daniervelin Renata Marques. Da notícia ao card: um estudo de caso de retextualização e multimodalidade. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 188-217, 2025.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Figura 1 - Elaborada pelas autoras;

Figura 2 - Portal UFMG;

Figura 3 - Perfil oficial da UFMG no Instagram.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 14/12/2024.

Aprovado em: 18/06/2025.